



SEÇÃO: ESTUDOS BAKHTINIANOS CONTEMPORÂNEOS

Mulheres, discurso jornalístico e política: um estudo sociodiscursivo do discurso

Women, journalism, and politics: a sociodiscursive study

Mujer, prensa y política: un estudio sociodiscursivo

Sofia Finguermann e

Fernandes¹

orcid.org/000-0002-9979-671X

sfinguermann@gmail.com

Recebido em: 13 abr. 2021.

Aprovado em: 14 out. 2021.

Publicado em: 10 fev. 2022.

Resumo: Este trabalho reflete sobre a representação midiática de mulheres presentes no cenário político brasileiro, a partir de uma análise dialógica discursiva de reportagens de capa protagonizadas por figuras públicas da política nacional entre 2015 e 2019. Faz-se um paralelo entre o retrato de mulheres em posição de protagonismo político, ou seja, governantes eleitas, e a representação daquelas que ocupam papéis coadjuvantes no que tange à atuação política, como primeiras-damas. Por serem estudados textos sincréticos da contemporaneidade, o dialogismo do Círculo de Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2017) aparece atrelado aos estudos do verbo-visual (BRAIT, 2013). A hipótese apontada é de que, enquanto protagonistas o fazer político, não raramente mulheres aparecem vilificadas pela mídia e, sob avaliações de histerismo ou incompetência, o modelo que lhes parece ser atribuído é o de bruxa má (DWORKIN, 1974). Por outro lado, quando ocupam o papel de coadjuvantes, o retrato midiático as valoriza no que tange ao padrão estético vigente e parece construir uma narrativa próxima às das princesas de contos-de-fada. Considerando que todo enunciado é parte de uma corrente discursiva ininterrupta e que está circunscrito, necessariamente, a um sistema ideológico (BAKHTIN, 2003), propõe-se estudar as relações dialógicas, contratuais ou polêmicas, que constituem as capas investigadas para, então, refletir sobre os papéis sociais estratificados às mulheres, refletidos e reiterados pelo fazer midiático.

Palavras-chave: Representação feminina. Dialogismo. Mídia impressa.

Abstract: This work reflects on mediatic representation of women present in Brazilian politics, from a discursive dialogical analysis of cover stories carried out by public figures of national politics between 2015 and 2019. A parallel is made between the portrait of women in political protagonism, elected government officials, and the representation of those who occupy supporting roles regarding political performance, such as first ladies. Once contemporary syncretic texts are studied, the Bakhtin Circle dialogism (VOLÓCHINOV, 2017) appears linked to the visual-verb studies (BRAIT, 2013). The hypothesis pointed out is that, as protagonists of political practice, women are often vilified by media and, under assessments of hysterics or incompetence, the model attributed to them is of a bad witch (DWORKIN, 1974). On the other hand, when they play a supporting actor's role, the media portrait values according to the current aesthetic standard and seems to build a narrative close to those of fairy tale princesses. Considering that every statement is part of an uninterrupted discursive current and that is necessarily limited to an ideological system (BAKHTIN, 2003), it is proposed to study the dialogical relations which constitute the investigated covers, reflecting on the stratified social roles of women, reflected, and reiterated by doing media.

Keywords: Female representation. Dialogism. Printed media.

Resumen: Este estudio reflexiona sobre la representación mediática de las mujeres presentes en la política brasileña, a partir de un análisis dialógico discursivo de artículos de portada realizadas por figuras públicas de la política nacional entre



¹ Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil.

2015 y 2019. Se hace un paralelismo entre el retrato de mujeres en protagonismo político y la representación de quienes ocupan roles secundarios en el desempeño político, como las primeras damas. Una vez estudiados los textos sincréticos contemporáneos, el dialogismo del Círculo de Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2017) aparece ligado a los estudios de visual-verbo (BRAIT, 2013). La hipótesis apuntada es que, como protagonistas de la práctica política, las mujeres suelen ser vilipendiadas por los medios y, bajo valoraciones de histeria o incompetencia, el modelo que se les atribuye es el de una mala bruja (DWORKIN, 1974). Por otro lado, cuando interpretan un papel de actor secundario, el retrato mediático se valora según el estándar estético actual y parece construir una narrativa cercana a la de las princesas de cuento de hadas. Considerando que todo enunciado es parte de una corriente discursiva ininterrumpida y que necesariamente se limita a un sistema ideológico (BAKHTIN, 2003), se propone estudiar las relaciones dialógicas que constituyen las portadas investigadas, reflexionando sobre los roles sociales estratificados de las mujeres, reflejado y reiterado por los medios.

Palabras clave: Representación femenina. Dialogismo. Medio impreso.

Introdução

A representação midiática da mulher brasileira tem se transformado ao longo das últimas décadas, muito em reflexo às mudanças do corpo social do país, onde movimentos feministas emergiram com força. Se no começo dos anos 2000 as figuras femininas apareciam retratadas pela mídia tradicional ora objetificadas, seminuas e sexualizadas, ilustrando reportagens relativas à moda, corpo, dietas e cotidiano doméstico, em uma tentativa contínua de mantê-las restritas ao espaço privado, publicações mais recentes, apesar de não estarem completamente isentas desse tipo de conteúdo, trazem mulheres protagonizando reportagens sobre política, economia e demais interesses da sociedade como um todo.

Essa representação, no entanto, não acontece de maneira livre da hierarquia de gênero, tampouco é possível dizer que colabore para a equidade entre os sexos. Em relação aos homens, figuras femininas que hoje ocupam esferas de poder ainda aparecem em matérias jornalísticas como incapazes, incompetentes ou mesmo históricas; e ainda parece raro que uma mulher na esfera política protagonize uma capa de revista em que seja exaltada sua competência enquanto sujeito ativo do fazer político.

De acordo com Beard (2018), há significativos exemplos da política contemporânea global que reafirmam essa representação que prega a incapacidade ou inadequação feminina em lidar com a esfera pública; destacam-se casos como o de Margaret Thatcher, que fez um curso para que sua voz não fosse tão aguda em seus discursos; além de, com frequência, muitas atuantes políticas se vestirem de maneira desfeminilizada, fato sobre o qual a pesquisadora levanta hipóteses:

[...] não temos modelo para a aparência de uma mulher poderosa, a não ser que ela se pareça bastante com um homem. Os terninhos regulamentares, ou pelo menos as calças compridas, usados por tantas líderes políticas no Ocidente, de Angela Merkel a Hillary Clinton, podem ser convenientes e práticos; mas são também uma simples tática – como engrossar o timbre da voz – para fazer com que a mulher pareça mais masculina e adequada ao papel do poder (BEARD, 2018, p. 63).

Essa construção estigmatizada acerca da atuação feminina na política não é recente. Segundo Beard (2018), é preciso perceber de que maneira a sociedade enxerga as mulheres no poder. Ao longo da história brasileira, figuras femininas que ocuparam posições de destaque na política nacional foram retratadas de maneira muitas vezes caricata. O historiador Rezzutti (2018, p. 133) cita o processo de demonização de Carlota Joaquina, constantemente descrita como uma mulher horrorosa, semelhante a uma bruxa, poucas vezes registrada por seus atributos intelectuais e propriamente políticos. Segundo o autor,

[...] a vida de d. Carlota foi reduzida a uma caricatura por meio dos discursos históricos ao longo dos anos, nos quais ela aparece como uma personagem simiesca e malévola. Essa imagem permeia até hoje o discurso adotado, quase que por osmose, em muitos livros de história. Eles repetem a antiga construção do discurso masculino, no qual a sociedade patriarcal e sexista tenta colocar "no lugar" aquela mulher que, em vez de ser modelo de virtudes, se atreveu a jogar, de igual para igual, os jogos de poder num ambiente majoritariamente masculino. O discurso do poder utilizado no caso de Carlota Joaquina é masculino e refratário a qualquer ideia de que a mulher venha a ter um protagonismo político num espaço político ancestralmente ocupado pelo homem (REZZUTTI, 2018, p. 137).

Se uma mulher com uma postura mais acirrada e assertiva era tida como cruel ou desequilibrada, aquelas de comportamento mais comum à época, ou seja, mulheres da esfera pública que tinham um discurso mais polido e dito apropriado, foram tangenciadas ao longo da história, tendo seus papéis sociais limitados a mães, amantes e esposas, ainda que suas participações políticas tenham sido muito mais incisivas do que sua atuação na esfera doméstica.

É o caso de D. Leopoldina, a primeira imperatriz brasileira e "a primeira [mulher] a participar ativamente da política brasileira em nível nacional e a governar diretamente o Brasil" (REZZUTTI, 2018, p. 138). Além de ter substituído D. Pedro enquanto princesa regente e, posteriormente, como imperatriz regente, a austríaca foi importante articuladora no movimento de Independência do país. Apesar desses feitos, a figura aparece muitas vezes nos livros de história como a esposa traída de D. Pedro I, ou como a mãe de D. Pedro II. Ao compará-la à sogra, D. Carlota, o autor afirma que "ao contrário da rainha portuguesa, porém, ela não impunha, sugeria, não fazia cara feia ou birra, mas calava-se e esperava o momento certo de agir" (REZZUTTI, 2018, p. 138). Esse comportamento mais submisso e cativo absteve a personagem de uma memória histórica de histerismo e descontrole, mas delimitou sua participação na história a uma figura coadjuvante. O mesmo acontece com Domitila de Castro, a marquesa de Santos, que também teve seu papel subjugado na historiografia brasileira, apresentada como amante de D. Pedro, quando teve uma participação política engajada, promovendo diversas contribuições públicas, especialmente em São Paulo. Visto por outro ângulo, os relatos sobre ambas salientam a masculinidade do imperador Dom Pedro I.

Essa postura feminina mais dócil, tida como mais aceita e adequada, parece ter inferido às mulheres tal posto de coadjuvantes em oposição ao protagonismo político, social e econômico dos homens. Desta forma, ainda que importantes referências históricas, quando não aparecem retratadas como medusas maquiavélicas, as mulheres no poder têm sua importância política

minimizada, como que a reiterar seu pertencimento à esfera doméstica.

Tendo esboçado esse contexto, cabe definir a metodologia utilizada para o desenvolvimento deste artigo. Parte-se do princípio bakhtiniano de que o dialogismo é comum a qualquer discurso:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa (BAKHTIN, 2003, p. 88).

A partir de então, este artigo investiga algumas produções midiáticas – capas de revista –, em sua relação com enunciados anteriores, em suas consonâncias e tensões discursivas, bem como observa o contexto sócio-histórico de produção e difusão das revistas, a fim de apreender as intenções e estratégias linguístico-discursivas empregadas. Considerando o enunciado "apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 184), não pode haver uma ruptura entre o estudo da língua e seu conteúdo ideológico. Objetiva-se, portanto, a partir da análise dialógica discursiva, investigar quais caminhos estão sendo traçados, pela mídia, para as mulheres brasileiras que atuam na esfera política.

Considerando que são investigados textos sincréticos, a análise não pode se limitar à investigação dos signos linguísticos. Logo, para o seu desenvolvimento, este estudo emprega a articulação entre o estudo do verbo-visual e o dialogismo bakhtiniano. Segundo Brait (2013, p. 46), há obras de Bakhtin e do Círculo que possibilitam uma chave de leitura verbo-visual. A autora reforça que a teoria bakhtiniana não está restrita ao campo do verbal, uma vez que a teoria abraça a linguagem como um todo.

Dentre as obras apontadas pela autora nesse sentido, encontra-se *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, em que Volóchinov, ao defender a lógica da consciência, que é necessariamente alimentada pelos signos, define-a como "a lógica da comunicação ideológica, da interação semió-

tica de um grupo social" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 107). Desta forma, já é traçada uma possibilidade de leitura para além do fazer verbal, levando em conta aspectos semiótico-ideológicos do discurso.

Brait ressalta, ainda, a possibilidade de uma leitura verbo-visual estudar a articulação entre esses dois campos para a produção de efeitos de sentido, uma vez que, em textos sincréticos, o ver e o ler acontecem simultaneamente (BRAIT, 2013, p. 44). Assim, o estudo da verbo-visualidade busca explicar a construção de sentidos por meio do verbal e do visual estruturados em apenas um enunciado, em um único plano da expressão, combinados de forma a construir o sentido do texto. É esse o caso, por exemplo, das capas de revista observadas por este artigo.

As análises e reflexões que se seguem, portanto, amparam-se na teoria bakhtiniana, uma vez que aprofundam as relações dialógicas, contratuais ou polêmicas, presentes nos textos estudados. Tendo em vista que este estudo se debruça sobre capas de revistas compostas em grande parte pelo não-verbal, o método bakhtiniano se conecta às teorizações de Brait (2013) sobre a construção de sentido em textos verbo-visuais.

Aparecem atrelados aos estudos do discurso alguns conceitos feministas sobre a representação feminina na sociedade, em especial as considerações de Andrea Dworkin sobre contos de fadas. Para Dworkin (1974, p. 26), essas produções fazem parte da construção primária da psique, uma vez que fazem parte das primeiras informações culturais apreendidas. Assim, os contos de fadas disponibilizariam determinados papéis e valores que, reproduzidos socialmente, incidem na vivência de mulheres reais. Este

artigo se debruça particularmente sobre dois modelos dos contos infantis, investigando sua aparição na mídia tradicional brasileira: o de princesa encantada e o de bruxa má.² A primeira personagem, essencialmente boa e indefesa; a segunda, maliciosa e cruel, que aterroriza mesmo homens adultos.

Em suma, as análises objetivam revelar, a partir das relações dialógicas e da constituição interna dos textos, quais efeitos de sentido em relação às mulheres na esfera política são, ainda hoje, propagados pela mídia tradicional; também investigar quais estratégias discursivas se fazem presentes na construção da figura da mulher brasileira e como essa concepção, muitas vezes carregada de estigmas e estereótipos, corrobora com o afastamento das figuras femininas às mais variadas esferas de poder e reflete os limites democráticos das mulheres brasileiras. Para tanto, foram selecionadas publicações impressas que circularam no país entre os anos de 2015 e 2019, protagonizadas por mulheres da esfera política nacional.

Representações da mulher atuante

Casos semelhantes àqueles mencionados por Beard (2018) e Rezzutti (2018) permeiam o fazer político de mulheres brasileiras. Mesmo os modelos dos contos de fadas não parecem tão distantes das nossas representações midiáticas. A título de exemplo, Dilma Rousseff e Carmen Lucia, figuras atuantes na esfera pública à época das reportagens estudadas, constantemente foram caracterizadas pela mídia tradicional sob aspectos de histeria³ ou frigidez, como mostram as duas primeiras capas selecionadas para análise:

² Essas classificações dispostas por Dworkin remetem à noção junguiana de arquétipo, trabalhada em obras como *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (JUNG, 2003).

³ O conceito de histeria, cunhado por Freud/Breuer, foi amplamente discutido por pensadoras feministas como Beauvoir (2016) e Mitchell (1979). A palavra tem sua origem do grego *hystéra*, que significa útero.

Figuras 1 e 2 – Capas da IstoÉ, protagonizadas por Dilma Rousseff e Carmen Lucia⁴



Fonte: IstoÉ (2016, 2018a).

Cada uma dessas publicações apresenta particularidades a serem esmiuçadas separadamente. No entanto, cabe primeiro levantar os pontos em comum entre as duas capas que motivaram a escolha do *corpus*: ambas carregam efeitos de sentido negativos de desequilíbrio ou de perversidade, com maior ou menor ênfase, assim como, de forma mais ou menos explicitada, esses enunciados são exemplos de outros tantos que refletem a hierarquia social imposta pelo sistema de sexo-gênero. Ainda em uma leitura superficial, é possível afirmar que, se fosse em um conto de fadas, as personalidades tais como aparecem nessas reportagens não seriam as princesas encantadas.

As capas de Dilma Rousseff

Essa vilania da mulher atuante não é arbitrária, mas parece dialogar com a maneira como o discurso feminino foi construído e moldado pela cultura Ocidental (BEARD, 2018). A autora

traz como exemplo a constante comparação de Dilma Rousseff e Hillary Clinton à figura mitológica Medusa. A título de exemplo, ganhou destaque a fotografia de Sérgio Lima, na ocasião da abertura de uma exposição de Caravaggio no Brasil em 2012, em que Rousseff aprecia uma pintura do artista e, em um jogo imagético, a figura da governante parece ser um reflexo da górgona.

Figura 3 – Fotografia de Dilma em comparação à Medusa⁵



Fonte: Sérgio Lima/Folhapress (2012).

⁴ Publicação nº 2417, de 6 de abril de 2016; publicação nº 2517, de 16 de março de 2018. Plataforma digital da IstoÉ. Disponíveis em: <https://istoe.com.br/edicoes>. Acesso em: 20 out. 2018.

⁵ Fotografia de Sérgio Lima/Folhapress. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/dilma-rousseff-foi-vitima-de-machismo-diz-historiadora-britanica-em-livro>. Acesso em: 13 abr. 2021.

Apesar de essa representação poder ser amparada em uma justificativa de insatisfação política, faz-se importante destacar que essa estratégia discursiva não é exclusivamente direcionada a Rousseff ou Clinton, mas a várias mulheres atuantes na esfera política. Em uma breve pesquisa, é possível encontrar outras governantes comparadas à Medusa, como Margaret Thatcher e Theresa May. Nesse sentido, não parece suficiente argumentar que a comparação é oriunda de uma insatisfação no campo político, pois, ainda que o seja, tal estratégia se fundamenta em uma misoginia reiterada desde a mitologia grega. Ainda traçando um paralelo entre as produções clássicas e as vivências atuais, Beard (2018) considera que a decapitação de Medusa por Perseu seja uma decapitação simbólica da atuação dessas mulheres na política.

Tais construções discursivas se estendem por diversas outras representações midiáticas, como é o caso da reportagem "As explosões nervosas da presidente" ora analisada, publicada no dia 6 de abril de 2016, em que a figura estridente de Rousseff, acompanhada da manchete que

intitula a matéria, faz notória a tentativa verbo-visual de transmitir desequilíbrio emocional de Dilma, então posta como uma figura autoritária e descontrolada, de maneira caricata (Figura 5).

A imagem da presidente exaltada aparece acompanhada de um notório contraste de cores, uma vez que o título da revista é grafado em um amarelo forte, os olhos e cabelos de Rousseff escurecidos quase por completo, em contraste aos dentes e pele brancos. Essa oposição de escuro e claro parece contribuir para a construção do efeito de sentido de um discurso inflamado, em consonância aos elementos verbais da capa.

Comparemos este texto, então, com uma reportagem de capa anterior, na Figura 4: publicada em maio de 2010, pouco tempo após a primeira eleição da presidente no país, a reportagem "Dilma por Dilma" trata a presidente pelo primeiro nome, trazendo um efeito de aproximação. Os recursos não-verbais, por sua vez, trabalham principalmente com cores frias, em tons de branco e azul, dialogando com as reportagens sobre as primeiras-damas posteriormente analisadas no tópico seguinte.

Figuras 4 e 5 – Capas da *IstoÉ* protagonizadas por Dilma⁶



Fonte: *IstoÉ* (2010, 2016).

⁶ Publicação nº 2113, de 12 de maio de 2010; publicação nº 2417, de 6 de abril de 2016. Disponíveis em: <https://istoe.com.br/edicoes>. Acesso em: 20 out. 2018.

As marcas de expressão da governante aparecem suavizadas quando comparadas à segunda publicação, transmitindo jovialidade e delicadeza. A maquiagem leve e os acessórios corroboram com a noção de uma feminilidade dócil.

É certo que as duas publicações circularam em contextos sócio-históricos relativamente diferentes e os cenários poderiam se distinguir com facilidade entre aquele de expectativas positivas para o governo Dilma e o de frustração que antecedeu o golpe de 2016. No entanto, parece insuficiente amparar essas diferenças discursivas em insatisfação política. Tampouco bastaria dizer que a relação dialógica entre as duas capas é polêmica. O que concerne este estudo é ponderar a misoginia enquanto ferramenta de manifestação desse descontentamento. Pensemos, então, a feminilidade e jovialidade exacerbadas enquanto dispositivos de exaltação e as marcas da idade e expressões faciais, por exemplo, enquanto uma ferramenta de deslegitimação do discurso feminino, ainda que a aparência de uma mulher em nada se relacione à sua capacidade de fazer política.

Nesse sentido, pensemos, ainda, a capa de abril de 2016, protagonizada por Rousseff, em relação dialógica com esta que se segue, com a imagem do presidente Jair Bolsonaro na Figura 6:

Figura 6 – Capa da *IstoÉ* protagonizada por Bolsonaro⁷



Fonte: *IstoÉ* (2019).

Enquanto a reportagem sobre Rousseff relacionava a governante à histeria e descontrole emocional, Bolsonaro aparece em uma comparação animalesca ao rei da selva. Mesmo a fonte escolhida para a manchete faz menção ao clássico da Disney, o filme "O Rei Leão". O adjetivo empregado para descrevê-lo é "destemperado", diferentemente do "descontrole" da matéria sobre Rousseff. A representação do político pode ser assustadora e animalesca, mas não remete a desequilíbrio emocional.

Carmen Lucia e Marielle Franco

Já a capa protagonizada pela então presidente do Supremo Tribunal Federal, Carmen Lucia (Figura 7), traz como principal temática a prisão do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva cuja condenação, na época, havia sido determinada em segunda instância pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região, em 24 de janeiro de 2018. Intitulada "Os desabafos de Carmen Lucia", a reportagem traz na capa o rosto da então presidente do Supremo, além de citações diretas da ministra. Destaca-se, em letras garrafais, a frase "Nunca o STF esteve tão tenso". O texto da matéria discorre sobre a pressão que o STF estaria sofrendo após a condenação de Lula em segunda instância.

Figura 7 – Capa da *IstoÉ* protagonizada por Carmen Lucia⁸



Fonte: *IstoÉ*, 2018a.

⁷ Reportagem de capa da *IstoÉ*, nº 2601, veiculada em 01/11/2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/edicoes>. Acesso em: 3 abr. 2021.

⁸ Publicação nº 2517, de 16 de março de 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/edicoes>. Acesso em: 20 out. 2018.

Destacam-se na capa as cores sóbrias, em especial a oposição entre escuro e claro. Carmen Lucia, que aparece com um semblante preocupado e as marcas de expressão evidentes, ocupa quase toda a página ao lado de seus “desabafos”. Marielle Franco, dois dias após seu assassinato, aparece às margens da capa – o assunto principal continuava sendo a prisão de Lula.

Esse tema já havia sido abordado pela *IstoÉ* em fevereiro daquele ano, em matéria intitulada “O novo tom da justiça”, publicada pouco tempo após a condenação do presidente, em que Carmen Lucia aparece acompanhada dos outros ministros, em postura heroica (Figura 8). Percebe-se forte dialogismo entre as duas capas, portanto, ambas são investigadas no presente estudo, a fim de levantar suas relações dialógicas, tanto entre si, quanto em relação a outros textos:

Figura 8 – Capa da *IstoÉ* protagonizada pelos ministros do STF⁹



Fonte: *IstoÉ* (2018b).

De forma análoga à teoria de Dworkin (1974) sobre os contos-de-fadas no imaginário social, a capa acima parece dialogar com filmes de super-heróis, em especial o “Liga da Justiça” (Figura 9):

Figura 9 – Banner de divulgação “Liga da justiça”¹⁰



Fonte: Página do Facebook Liga da Justiça Filme (2018).

Observemos que o dialogismo entre a capa da *IstoÉ* e a imagem de divulgação do filme não se dá não apenas por meio do posicionamento das personagens, em que os grupos aparecem arranjados de maneira muito semelhante, como por meio dos textos verbais propostos: a escolha lexical da reportagem traz a palavra “justiça”, que também compõe o título do filme; da mesma maneira, a fonte empregada no título da publicação se assemelha à do nome da produção cinematográfica. Assim, a capa parece empregar aos ministros do STF uma postura heroica em relação à condenação de Lula. Nesse sentido, assim como as princesas e as bruxas dos contos-de-fadas, cabe refletir se o fazer midiático de grande circulação também apresenta heróis e vilões, de acordo com os efeitos de sentido almejados.

A publicação mais antiga traz todo o grupo de ministros, que aparecem liderados por Carmen Lucia, trajando capa, à frente de seus companheiros. O traje é estipulado pelo Regimento Interno do STF,¹¹ que dispõe que os ministros usem a peça em sessões ordinárias ou extraordinárias. É uma medida simbólica, que provoca um efeito de sentido de autoridade e de caráter imparcial desses profissionais. O adereço também reitera a relação dialógica com super-heróis, sendo mais um elemento que contribui para construção de uma imagem de que os ministros, sob a presi-

⁹ Revista *IstoÉ* edição n° 2511, de 2 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/edicoes>. Acesso em: 20 out. 2018.

¹⁰ Imagem de divulgação do filme “Liga da justiça”, disponível em <https://www.facebook.com/LigadaJusticaFilme>. Acesso em: 12 abr. 2021.

¹¹ Regimento Interno do Supremo Tribunal Federal, Art. 16, Parágrafo único: “Receberão o tratamento de Excelência, conservando o título e as honras correspondentes, mesmo após a aposentadoria, e usarão vestes talares, nas sessões solenes, e capas, nas sessões ordinárias ou extraordinárias”.

dência de Carmen Lucia, na posição simbólica de Mulher-Maravilha, exerciam a função de salvadores e justiceiros – palavra que também aparece na manchete.

Ambas protagonizadas pela ministra, as publicações de fevereiro e de março dispõem de diversos elementos dialógicos, como escolhas cromáticas similares, mesma temática central e algumas escolhas lexicais convergentes. Naquele momento, a representação que aparece na figura de Carmen Lucia é de uma super-heroína inclemente e mesmo ameaçadora. No entanto, enquanto na publicação mais antiga a ministra aparece amparada por seus colegas quase todos homens, trajando capa, sobre dizeres como "o Supremo não se dobra às pressões", na publicação de março, Carmen Lucia protagoniza a reportagem sozinha, sem as vestes talares, com feição preocupada e marcas de expressão em destaque, ao lado dos dizeres sobre a tensão no STF.

Cabe observar, assim, as estratégias discursivas que incidem nessas duas publicações da revista IstoÉ. Ainda que de maneira minuciosa, quando o contexto próximo à publicação era de maior confiança e firmeza sobre o tema – condenação em segunda instância do ex-presidente Lula, a então presidente do STF aparece na reportagem de capa em uma perspectiva exaltada, como quem comanda um time, sendo apoiada e resguardada pelos demais ministros – um grupo majoritariamente masculino. Por outro lado, quando aparecem no horizonte social questões mais tensas, que questionam o posicionamento da equipe do STF, Carmen Lucia protagoniza a reportagem sozinha, com feição preocupada, ao lado de frases estampadas com seus ditos "desabafos".

O que se destaca, nesse caso, é a sanção positiva que Lucia divide com os outros membros do STF na publicação mais antiga (Figura 8), em um dialogismo visível com super-heróis, em comparação à sanção negativa, Figura 7, que a mulher recebe sozinha. Entre as duas aparecem, ainda, diferenças na representação feminina. Em nenhuma das publicações Carmen Lucia aparece como

a princesa dos contos infantis, afinal, não faz o papel de vítima indefesa. No entanto, enquanto na Figura 8 ela aparece aproximada de uma figura poderosa e heroica, ainda que com elementos sóbrios e anuviados, a segunda parece evidenciar sua vilania e carregar certa hostilidade; não necessariamente remete à figura de "bruxa má", mas talvez de uma madrasta antipática e aborrecida.

Destaca-se, ainda, a notícia sobre o assassinato de Marielle Franco, tangenciada às bordas da página da publicação de 16 de março de 2018. No caso da vereadora, mulher negra, bissexual, atuante de um partido de esquerda e que se posicionava a favor de minorias estruturais, a problemática transcende em muito a representação tendenciosa, sendo necessário questionar a violência que permeia o fazer político da brasileira negra. Se no caso de atuantes políticas brancas, como Rousseff e Carmen Lucia, a representação é caricata e carregada de estereótipos, direciona-se à vereadora carioca o apagamento, tanto nas produções midiáticas em geral, como em seu exercer da cidadania, impedido pela violência assassina. Essa questão denuncia o fato de que a luta pelo acesso ao fazer político não se realiza em páreo de igualdade entre brancas e negras, sendo estas mais afetadas pelo sistema patriarcal que atende a dinâmicas racistas. Ainda que veiculada dois dias após o crime político que a matou, a marca optou por priorizar a discussão, ora em pauta, sobre a condenação de Lula.

Rousseff e Carmen Lucia aparecem nas reportagens de capa investigadas de maneira caricata. As publicações são compostas por tons escuros e semblantes marcados. Salientam-se marcas de expressão, cabelos brancos e feições severas, destacando a idade avançada das políticas como se esse fosse um fator significativo para suas atuações na esfera pública. Essas representações, conforme explorado, parecem advindas das histórias infantis. Segundo Dworkin (1974), os contos de fadas, que possuem informações primárias da cultura, são absorvidos pela realidade cotidiana, impondo determinados papéis sociais. Assim, se

uma mulher não é passiva, inocente e indefesa, ela é, ativamente, uma figura má, como exemplificam as capas anteriormente apresentadas.

O retrato da primeira-dama

Por outro lado, quando aparecem na mídia tradicional mulheres em posição de coadjuvantes

no cenário político, como Marcela Temer e Michelle Bolsonaro nas reportagens que se seguem, nota-se que são frequentemente retratadas de forma delicada, jovial, com a feminilidade enaltecida e exaltando padrões estéticos vigentes na sociedade brasileira:

Figuras 10 e 11 – Capas da *Veja* e *IstoÉ*, protagonizadas por Marcela Temer e Michelle Bolsonaro, respectivamente¹²



Fonte: *Veja* (2017); *IstoÉ* (2018c).

Apesar de as duas publicações contarem com um distanciamento temporal de quase dois anos, bem como terem sido veiculadas por marcas distintas, a relação dialógica harmônica entre as duas se realiza de forma tão presente que as reportagens poderiam ser facilmente confundidas. Ambas veiculadas durante o período de posse de seus maridos, parecem propor uma mesma valorização de governos, ainda incertos para a população, a partir da figura feminina delicada. As imagens de Temer e de Bolsonaro parecem ser respaldadas a partir de suas esposas, que aparecem sob o nome de casadas e parecem

trazer mais sociabilidade e polidez para figuras masculinas tidas como polêmicas.

As duas mulheres, que contam com certa semelhança física, apresentam um padrão de beleza exaltado no país: brancas de olhos claros, cabelos longos e loiros, jovens e magras. Com uma maquiagem discreta, ambas aparecem de perfil, como que a olhar para frente. Retomando a relação estabelecida por Dworkin (1974) entre a realidade contemporânea e os contos de fada, o efeito de sentido produzido por essas duas publicações aproxima as personagens brasileiras de princesas encantadas. Assim, enquanto belas

¹² Revista *Veja*, nº 2511, de 4 de janeiro de 2017; Revista *IstoÉ* edição nº 2553, de 23 de novembro de 2018. Disponíveis em: <https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/> e <https://istoe.com.br/edicoes>. Acesso em: 3 dez. 2018.

princesas das histórias infantis, essas mulheres aparecem jovens e delicadas, representadas sob um espectro de passividade.

Tal fazer discursivo parece reiterar a ideologia de gênero que define as mulheres como responsáveis pela afetuosidade e delicadeza em contraponto à racionalidade e até mesmo rudeza masculina. Desta forma, parece ser a proposta desses veículos transmitir para o público leitor um outro lado dos mandatos, produzindo um efeito de sentido de amabilidade e elegância. Também parece haver certa relação com o conceito de “bela, recatada e do lar”, desenvolvido em matéria da revista *Veja* (LINHARES, [2016])¹³. Uma vez que esses atributos foram dispostos positivamente na reportagem, reitera-se o efeito de sentido de que uma mulher submissa, voltada aos afazeres domésticos, é bonita, correta, uma vez que está de acordo com a hierarquia de gênero imposta, o que em muito dialoga com o proposto pelas capas aqui estudadas.

Mesmo a construção verbal da manchete protagonizada pela primeira-dama Bolsonaro parece remeter a uma trajetória de contos de fadas: encontram-se em oposição temática o passado humilde de Michelle Bolsonaro na Ceilândia e o futuro de ascensão social que aguardava a primeira-dama. De acordo com a lide:

Reportagem da IstoÉ revela a vida humilde da família da futura primeira-dama em Ceilândia, cidade pobre de Brasília onde ela nasceu. Lixo acumulado nos arredores e boca de fumo a 500 metros da residência do pai compõem um ce-

nário que contrasta com a nova realidade que sorrirá para ela a partir de janeiro (ISTOÉ, 2018).

Além da evidente meritocracia proposta pela publicação, aparece no texto a ideia de ascensão através do casamento heterossexual. Remete-se à ideia da princesa encantada que, a partir de seu encontro com o príncipe, alcança o final feliz. Ao contrário de Rousseff e Carmen Lucia, as primeiras-damas aparecem sorridentes, em convergência com o texto verbal presente nas reportagens. Assim, isentas de papel ativo na política pública, Michelle Bolsonaro e Marcela Temer ocupam a posição de coadjuvantes, enquanto esposas dos homens que de fato atuam em funções governamentais.

Essa representação midiática exaltada e positiva, que em muito se difere daquelas destinadas às brasileiras atuantes ora estudadas, parece diferenciar os papéis sociais para os quais mulheres brasileiras são consideradas aptas daqueles que, de acordo com a cultura patriarcal, parecem ser bem executados somente por homens.

Além dos muitos elementos visuais que aproximam as capas das duas reportagens, como os tons de azul que compõem o plano de fundo, o olhar para o futuro das duas primeiras-damas, as marcas de expressão eufemizadas e a maquiagem bem-feita, as relações dialógicas harmônicas existentes entre a representação das duas personalidades continuam no corpo da reportagem mais recente, conforme Figura 12:

Figura 12 – Corpo da reportagem protagonizada por Michelle Bolsonaro, IstoÉ¹⁴



Fonte: *IstoÉ* (2018c).

¹³ LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e 'do lar' a quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice. *Veja*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar>. Acesso em: 30 jan. 2019.

¹⁴ Revista *IstoÉ* edição nº 2553, de 23 de novembro de 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/edicoes>. Acesso em: 20 dez. 2018.

Acompanhadas da legenda "passando o bastão", Marcela Temer e Michelle Bolsonaro aparecem lado a lado, posando no Palácio, aquela com os trajes pretos, esta vestindo rosa. A imagem sugere que a relação dialógica entre as capas não é arbitrária, mas que a representação ora feita pela *Veja*, em "Marcela Temer, aposta do governo" está em consonância com a publicação da *IstoÉ*, "Os dois mundos de Michelle Bolsonaro" (Figuras 10 e 11). A antiga primeira-dama "passa o bastão" para sua sucessora, sugerindo uma mesma função social, além da clara semelhança física, das duas personagens.

Discussão

É certo que o fazer midiático é moldado pelo corpo social, como também molda a sociedade. Desta forma, a insatisfação pública por parte dos leitores de veículos como a *Veja* ou a *IstoÉ* sobre o governo Dilma, por exemplo, incidem diretamente sobre como ocorrem as representações na mídia. No entanto, o que cabe discutir neste artigo são as ferramentas, muitas vezes amparadas em misoginia e machismo, que constroem os efeitos de sentido nos textos. Afinal, ainda que houvesse uma insatisfação social sobre dado fazer político masculino, como exemplifica matéria de capa protagonizada por Bolsonaro (Figura 6), dificilmente seus atributos físicos seriam utilizados como uma forma de deslegitimá-lo, tampouco se faria referência a um suposto descontrole emocional. Para além disso, parece uma ferramenta discursiva da mídia tradicional associar um fazer político feminino desagradável à inadequação aos padrões de beleza vigentes.

A maneira como se caracterizam pela mídia as mulheres na política, de acordo com sua atuação ou ausência dela, refletem quais espaços o patriarcado pretende que sejam ocupados por corpos femininos, bem como aqueles que não devem ser alcançados por mulheres. Mesmo aquelas que têm maior alcance em seu discurso, as mulheres parecem ter seu fazer discursivo limitado ao próprio universo feminino, tendo

credibilidade apenas em determinados nichos e áreas (BEARD, 2018). Ainda não parece caber ao gênero feminino discutir, com propriedade, assuntos da sociedade como um todo, tampouco posicionar-se adequadamente em relação a temáticas que, ao longo da história, foram predominantemente ocupadas por homens. Assim, estabelece-se em nossa cultura que assuntos como economia e política não são suficientemente bem discutidos por mulheres – pelo menos, não enquanto protagonistas.

Sabendo da relação direta existente entre a produção discursiva e o fazer social, torna-se evidente que existe um movimento contínuo de afastamento das mulheres aos espaços institucionais, corroborado pela mídia tradicional, ainda que de maneira menos incisiva do que nas décadas anteriores. Segundo Biroli (2017, p. 172), não são apenas entraves formais que prejudicam a ação feminina na política brasileira, mas "obstáculos materiais, simbólicos e institucionais erigem barreiras que dificultam a atuação das mulheres e alimentam os circuitos da exclusão". Essa exclusão perpassa e correlaciona desde as relações pessoais até a divisão sexual do trabalho e a participação na política, e não incide de maneira semelhante sobre todas as mulheres, visto que a hierarquia de gênero atende a uma dinâmica de classes e tem sua estrutura fundada em origens racistas e colonialistas.

No que tange às diferenças de performance entre as personagens retratadas, é certo que mulheres não devem ficar presas à feminilidade como se essa fosse inerente ao sexo. É de suma importância para a luta feminista desnaturalizar a feminilidade como característica intrínseca ao sexo feminino, mesmo porque é uma das ferramentas de submissão das mulheres. No entanto, uma aproximação aos estereótipos masculinos, como fazer cursos para que a entonação da voz seja mais grossa, como Margaret Thatcher, não parecem estar distantes de regimes antigos que obrigavam mulheres a se disfarçarem de homens para que pudessem atuar politicamente. Conforme Beard, ainda hoje "não temos modelo para a aparência de uma mulher poderosa, a não

ser que ela se pareça bastante com um homem" (BEARD, 2018, p. 68).

Desta forma, ainda que deixar de performar a feminilidade imposta seja um ato libertador, o que parece acontecer na esfera política é a ideia de incapacidade intelectual de mulheres. Quando aparecem feminilizadas, esses atributos parecem ser relacionados à submissão e à passividade, assim, não é pouco comum que optem por performances tidas como masculinas, numa tentativa frequentemente fracassada de impedir a objetificação ou desqualificação e atingir condições de atuação equalitárias. Aquelas que não performam feminilidade, por sua vez, não parecem atingir o patamar social dos homens, sendo apenas ridicularizadas de outra maneira.

Quando figuras públicas femininas se posicionam de maneira mais firme e pouco submissa, ou seja, quando são protagonistas do fazer político, as características físicas destacadas pela mídia parecem ser aquelas que vão de encontro ao padrão de beleza vigente. Atributos típicos de mulheres mais velhas (cabelos brancos, marcas de expressão evidentes), por exemplo, parecem servir de munição para descredibilizar ou ridicularizar o fazer político, contribuindo para o efeito de sentido, comumente propagado pela estética normativa, de que a figura feminina deve parecer sempre o mais jovem possível. A mulher incisiva, atuante politicamente, tem sua figura discursiva aproximada da bruxa dos contos infantis.

Por outro lado, quando coadjuvantes, aspectos estéticos dentro do padrão são exaltados: cabelos longos, magreza, maquiagem e traços delicados, com poucas ou nenhuma marca de expressão, aparecem como uma forma de valorizar a personagem feminina. Essa representação, em muito relacionada às mulheres que se dedicam ao casamento e demais interesses particulares, não é arbitrária. Ao serem atribuídas às mulheres missões de corpos perfeitos, uma estética inalcançável e a responsabilidade sobre os cuidados com o lar e a família, o sexo feminino tem seu pensamento direcionado a essas preocupações. Pensa-se, assim, que "o segundo sexo" é essencialmente vaidoso, delicado e até mesmo fútil, bem como

naturalmente direcionado ao âmbito doméstico.

No entanto, considerando que a consciência individual se dá por meio das práticas discursivas (VOLÓCHINOV, 2017), pode-se concluir que esses e outros comportamentos tidos como naturalmente femininos são, na verdade, atribuídos a essa classe de indivíduos de maneira contínua e duradoura, por meio do discurso, desde a mais tenra idade.

Considerações finais

Apesar das conquistas sociais e políticas do feminismo ao longo da história, especialmente nas últimas décadas, a figura feminina continua sendo representada na mídia e nas mais diversas camadas da sociedade com traços de submissão ou por meio de estereótipos caricatos, muitas vezes mascarados por um discurso que se propõe objetivo e imparcial, mas que alimenta o preconceito.

Ainda que as representações da mulher não se realizem hoje, com a mesma frequência de outros tempos, de maneira explicitamente sexualizada ou subjugada, percebe-se na mídia tradicionais estratégias discursivas que ainda refletem e reiteram limitações em sua atuação democrática. As bruxas e as princesas tão caricatamente difundidas pela mídia são mulheres do mundo real que têm seu acesso à cidadania restringido e direcionado com o apoio desses fazeres discursivos. Também o são aquelas completamente excluídas por esses veículos, uma vez que o silenciamento é também uma arma poderosa para a manutenção da hierarquia de gênero com suas implicações de raça e classe.

Referências

- BAKTHIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BEARD, Mary. *Mulheres e poder: um manifesto*. 1. ed. Tradução de Celina Portocarrero. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: Fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 1.
- BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, jul./dez. 2013.

DWORKIN, Andrea. *Woman hating*. Nova Iorque: Plume, 1974.

FIGUEIRA, Ary; LAGO, Rudolfo; LIMA, Wilson. *IstoÉ*. "Os dois mundos de Michele Bolsonaro". São Paulo: Três, n. 2553, 23 nov. 2018c. Disponível em: <https://istoe.com.br/edicoes/2553/>. Acesso em: 3 dez. 2018.

ISTOÉ. São Paulo: Três, n. 2113, 12 maio 2010. Disponível em: <https://istoe.com.br/edicoes/2113/>. Acesso em: 20 out. 2018.

ISTOÉ. São Paulo: Três, n. 2417, 6 abr. 2016. Disponível em: <https://istoe.com.br/edicoes/2417/>. Acesso em: 20 out. 2018.

ISTOÉ. São Paulo: Três, n. 2511, 2 fev. 2018b. Disponível em: <https://istoe.com.br/edicoes/2511/>, plataforma digital da IstoÉ. Acesso em: 20 out. 2018.

ISTOÉ. São Paulo: Três, n. 2517, 16 mar. 2018a. Disponível em: <https://istoe.com.br/edicoes/2517/>. Acesso em: 20 out. 2018.

ISTOÉ. São Paulo: Três, n. 2601, 1 nov. 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/edicoes/2601/>. Acesso em: 3 abr. 2021.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2003.

LINHARES, Juliana. "Marcela Temer: bela, recatada e 'do lar'". *Veja*. São Paulo: Abril, 18 abr. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar>. Acesso em: 30 jan. 2019.

MITCHELL, Juliet. *Psicanálise e feminismo*. Tradução de Ricardo Britto Rocha. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

REZZUTTI, Paulo. *Mulheres do Brasil: a história não contada*. 1. ed. São Paulo: Leya, 2018.

VEJA. São Paulo: Abril, n. 2511, 4 jan. 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2511>. Acesso em: 13 dez. 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Círculo de Bakhtin*. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 1. ed. Tradução de Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Sofia Finguermann e Fernandes

Mestre em Letras, com ênfase em Análise do Discurso, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), em São Paulo, SP, Brasil; doutoranda em Letras pela mesma instituição.

Endereço para correspondência

Sofia Finguermann e Fernandes

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Rua Piauí, 143

Higienópolis, 01302-000

São Paulo, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.